

EXPERIMENTAR A EDUCAÇÃO E ENSAIAR SUA ESCRITA

Anelice Ribetto

Campo Confluência: Estudos do Cotidiano

Eixo Temático: 6

Esse ensaio faz parte da escrita da minha pesquisa de doutorado “*A má educação*” e tem como desejo *contar alguma coisa* e perguntar se ainda temos alguma coisa para ser contada aos outros: pensar as possibilidades de uma linguagem da experiência, de *experimentar a educação* e dizer desta aventura através do ensaio.

A experiência, essa passagem que consome a vida, é uma errância, um rodeio, um divagar. Nas condições efêmeras de nossa cotidianidade, alguém entra sem licença para trazer alguma coisa a mais: a palavra que é sempre impossível, a intensidade de pensar, a aventura e o risco ao qual nos convida... Aposta que comemora o ensaio como um outro modo de pensar e escrever na educação: uma escritura exploratória que agite os modos de saber num contato intangível entre palavra e vida, pensamento e experiência.

O ensaio na sua insinuação sedutora com a experiência coloca para o campo da Educação¹ não só espaços de ambigüidade e incerteza, mas, aquilo da vida que é imprescindível incluir no relato que a memória convoca: uma certa maneira de balbuciar no vaivém de um fazer que é incerto, o exercício da escritura que é a vida mesma.

Um traço que se liberta dessa lógica que produz modos limitadores para nossa experiência, que instauram a racionalidade tecnocrática e cientificista e pragmático-utilitária sobre a educação, inventando a Educação.

Experimentar outros sentidos e vocabulários num intento por vivificar a linguagem, como um outro registro que se potencia e que afirma a paixão. Um modo de sentir, de pensar, de ler, de escrever, de pesquisar que habilite a abertura/greta (não só as portas centrais de entrada, sempre iluminadas e amplas...) a sentidos múltiplos... A ficcionalidade ou a poética possível na palavra que brota do meio de um campo de

¹ Faço uma ressalva: Quando escrevo **Educação**, usando caixa alta, quero me referir ao que Silvio Gallo tem chamado “**educação maior**”: *A educação maior é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da Constituição e da LDB, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. A educação maior é aquela instituída e que quer instituir-se, fazer-se presente, fazer-se acontecer. A educação maior é aquela dos grandes mapas e projetos* (2005:78)

saber compreensível, re-conhecível, em uma língua normalizada e cientificista como é a língua oficial da pedagogia...

Talvez seja eticamente necessário pensar aquilo que nos passa [*acontece*] e que continua sendo indefinível, ainda que corramos o risco de o transformar numa definição e que fique preso ao cálculo e ao plano *a seguir*, que passa a ser a medida das coisas... Das *coisas do chão*, das coisinhas da educação nossa de todos os dias... Aquela pequena, quase invisível, apenas indizível. Então, até aquilo que pensamos acontecimento, aquilo que reverbera como experiência, até aquelas minoridades potentes são trazidas, limpadadas, esclarecidas e encapsuladas, aceitas como imprevisto possível da pesquisa. E incluídas dentro dessa lógica. Lógica *refutadora de lendas* que opera como o óleo da maquinaria: o que irrompe não interrompe, se volve apenas um acidente de percurso, possibilidade de erro já calculado. Ai, na engrenagem dessa máquina, a pergunta sobre o *sistema de ensino* se constitui, então, numa pergunta que não quer calhar e que vem da mão de Foucault “*é uma ritualização da palavra (...) uma qualificação (...) uma fixação de papeis para os sujeitos que falam (...) a constituição de um grupo doutrinário (...) uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes*” (2004:44-45)

No límpido espaço da pretensão universalizante o próprio registro da memória desconhece as diferentes maneiras de fazer, formas de negociar desejos entre o macro-político e as micro-políticas e nega a potencia do singular, do menor, do mínimo. Assim, uma norma coloniza e se impõe a ferro e fogo [*a papel e tinta*] sobre outra sensibilidade, outra ética, outra estética.

Os desejos, as tesões, as tensões que borbotam orgânica e politicamente são rapidamente cobradas “*o que isso significa?*”, “*qual é o objetivo? Pra que serve?*”

Tudo deve ser rapidamente ordenado e apalavrado. Apalavrado em uma gíria colonizada que em nada se liga à consumição das vidas dos sujeitos que a encarnam que, frequentemente, se contam [*a si mesmos*] de outras maneiras.

Na grande lisura da Educação, os saberes mínimos, menores –esses que não sabem muito bem dizer o que eles sabem– brotam nas gretas, nas sensibilidades nas quais se urde a experiência, aonde acontece a falta do que dizer, a invenção de outras palavras: eróticas, mortais, menores, mínimas, oníricas, delirantes.

A pesquisa/escrita ensaística comemora, então, o mergulho na solidão da criação de um texto que nos permita ainda, narrar alguma coisa de nós mesmos para outros, pesquisa/escrita com assinatura própria, porém, como gesto irredutível de criação

coletiva. Ensaio como reivindicação da conversa como possibilidade metodológica, pois, “*nunca se sabe aonde uma conversa pode levar... não é algo que se faça, mas algo no que se entra... e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não havia sido previsto (...) pode se chegar a dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer*” (LARROSA, 2003:212)

Escrita/pesquisa que demanda encontros que provocam pensamentos, ou seja, que nunca são encontros tranquilos, claros, ensimesmados, mas, encontros nos que “*o pensamento é um modo da sensibilidade e da paixão em relação aquilo que comove a alma e a deixa perplexa [pois] nessa relação sensível e apaixonada com aquilo que faz pensar, o pensamento é também uma aprendizagem*” (LARROSA, 2000:127) Então, toda pesquisa ou texto tem potencialmente outras maneiras de ser pensado e significado que escapam ao controle hegemônico de produção de conhecimentos, “*todo texto pedagogizado arrasta consigo a possibilidade de pôr em questão e de modificar a gramática na qual está inserido*” (LARROSA, 2000:117) a própria vertigem da vida desborda os bordes levantados com veemência e sacrifício e vai além daquilo que acreditamos controlar a través dos nomes o do pensamento com que se pensa.

Não há virada ou revolta intelectual que não seja uma revolta da língua que nos nomeia, nos lê, nos constitui e diz o que somos em tempo presente... (isso já foi escrito por *Regina Leite Garcia, Nilda Alves e alguns outros...*) Talvez se trate de ir repetindo as palavras aprendidas com uma vacilação apenas audível, com um rápido deslocamento do acento, zombar delas, brincar com elas e faze-las estranhas ao sentido... Pensando um modo de dizer com *despalavras* ou “*palavras sem pronúncia, ágrafas (...) com um som que ainda não deu liga (...) Palavras que tenham um aroma ainda cego. Que fossem nem um risco de voz. Que só mostrassem a cintilância dos escuros (...) o antesmente verbal: despalavras mesmo*” (DE BARROS, M. 2004).

Referencias Bibliográficas.

DE BARROS, Manuel. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2004;

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em dois de dezembro de 1970**. São Paulo: Loyola, 10ª ed., 2004;

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2005;

LARROSA, Jorge. “*A novela pedagógica e a pedagogização da novela*” IN:
LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autentica, 2000;

LARROSA, Jorge. “*El ensayo y la escritura académica*” IN: **Propuesta Educativa**, dossier “Escritura y Educación”, año 12, N° 26, Buenos Aires, 2003;

PALAVRAS CHAVE:

experiência, ensaio, pesquisa/escrita no cotidiano, educação